

DANIEL JOSÉ GAMA SANTOS

**CRIATIVIDADE EM GRUPO
NAS ARTES VISUAIS**

Orientadora: Professora Doutora Inês Maria Andrade Marques

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação

**LISBOA
2022**

DANIEL JOSÉ GAMA SANTOS

CRIATIVIDADE EM GRUPO NAS ARTES VISUAIS

Relatório de Prática Supervisionada defendida em provas públicas para obtenção do Grau Mestre no Curso de Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, perante o júri, com o Despacho Reitoral nº 149/2022, de 18 de abril de 2022, com a seguinte composição:

Presidente – Prof.^a Doutora Rita Isabel Fontes da Costa Carvalho

Arguente – Prof.^a Doutora Maria Constança Pignateli de Sousa e Vasconcelos

Orientador - Prof.^a Doutora Inês Maria Andrade Marques

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação

**LISBOA
2022**

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha mulher, Catia Sofia Pardal Rosa Gama por todo o incentivo da concretização desta dissertação.

Às minhas filhas, Madalena Gama e Laura Gama pela força positiva que me deram ao longo do percurso deste trabalho pela questão que me fizeram sempre nesta dissertação; *papá, o que estás a fazer?*

Quero agradecer aos meus pais; Carlos Manuel Silvério Santos e Lisete Paulino Gama Silvério Santos pela coragem que me transmitiram a mais um caminho da minha vida.

Quero agradecer ao meu irmão e a todos os meus amigos, Joao Carlos Gama Santos, Ricardo Batista, João Carvalho, Cláudio Barroca, Ricardo Silva, Mário Silva, por acreditarem nas minhas competências e nos meus projetos de vida.

Às minhas colegas; Joana Queimadela, Joana Raimundo, Ângela e Magda pela paciência deste meu stress aplicado.

Quero também agradecer às minhas queridas Professoras Doutoradas Ines Maria Andrade Marques e Constança Vasconcelos pelo tempo que lhes tirei em tempos uteis da vida de cada uma e por toda a paciência que tiveram comigo.

I want to thank my neighbour Allan Hargreaves for all the words of support.

Para as minhas grandes filhas, Madalena, Laura e futura Catarina.

MAY THE FORCE BE WITH US

RESUMO

Este trabalho resulta de um estudo empírico realizado durante a prática de ensino supervisionada numa turma do 12º ano de Artes Visuais na Escola Rafael Bordalo Pinheiro em Caldas da Rainha.

Pretende-se com este trabalho fazer uma abordagem acerca da criatividade, relacionando a teoria com a prática. Esta investigação procura abordar de que forma a criatividade deve ser desenvolvida nas escolas por parte do professor, de forma a cativar os alunos. Também será apresentada uma análise dos conflitos que possam existir num determinado grupo criativo nas artes visuais.

O grupo de alunos que fez parte deste estudo demonstrou empenho e cooperação na execução das atividades propostas. Contudo as suas principais dificuldades prendem-se com a organização e comunicação num grupo de forma a chegarem a um consenso comum, dada a multiplicidade de ideias existentes em cada elemento do grupo.

Através de uma Unidade Didática – procurou-se encontrar uma metodologia que facilitasse o processo de ensino-aprendizagem e em que se abordasse especificamente como desenvolver a criatividade coletivamente, em grupos de trabalho.

Palavras-Chave: *Criatividade; Ensino das Artes Visuais; Os Grupos no contexto educativo*

ABSTRACT

This work results from an empirical study conducted during the supervised teaching practice in a 12th-year Visual Arts class at the Rafael Bordalo Pinheiro School in Caldas da Rainha.

This work aims to approach creativity, relating theory to practice. How creativity should be developed in schools by the teacher in order to captivate students. An analysis of the conflicts in a given creative group in the visual arts will also be presented.

Regarding the groups of students who took part in this study, they showed commitment and cooperation in carrying out the proposed activities. However, their main difficulties are related to the organization and communication in a group in order to reach a common consensus, given the multiplicity of ideas existing in each element of the group.

Keywords: *Creativity; Teaching Visual Arts; Groups in the educational context*

INDICE

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
INDICE.....	6
INDICE DE FIGURAS	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
1. A CRIATIVIDADE	11
1.1 CONCEITO DE CRIATIVIDADE	11
1.2. CRIATIVIDADE NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	13
1.3. CRIATIVIDADE EM GRUPO	16
CAPÍTULO II – INVESTIGAÇÃO EMPIRICA.....	19
2.METODOLOGIA.....	19
2 .1 METOLOGIA - A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO	19
2.2 O MEIO	19
2.3. ESCOLA SECUNDÁRIA RAFAEL BORDALO PINHEIRO	20
3. PERGUNTAS DE PARTIDA	22
4. MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS	26
4.1. MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS	26
4.2. PROCESSO DE RECOLHA DE DADOS	27
4.3 SUJEITOS	27
4.3.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	27
4.4. TRATAMENTO DE DADOS	28
4.4.1. QUADROS E GRÁFICOS DOS DADOS OBTIDOS DO INQUÉRITO AOS ALUNOS	28
4.4.2. INQUÉRITO AO DOCENTE DE ARTES VISUAIS	39
CAPÍTULO III – DISCUSSÃO DOS RESULTDOS.....	43
5. ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS ENTRE OS VÁRIOS GRUPOS	43
CONCLUSÃO	48
BIBLIOGRAFIA	50
APÊNDICES.....	52

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 Retrato de D. Leonor (1526) - Pintura de José Malhoa	20
Figura 2 - Escola Secundária Rafael Bordallo Pinheiro	21

INTRODUÇÃO

A criatividade é uma das características do ser humano e todos os indivíduos nascem com potencial criativo que deve ser desenvolvido e estimulado. Como outras aptidões humanas, a criatividade pode e deve ser treinada (Runco, 2007, citado por Oliveira, 2010). A criatividade é desenvolvida quando o ser humano cria algo novo, não ficando agarrado a soluções estereotipadas, e até a determinados valores, ideias ou crenças antigas.

Sobre a criatividade há várias perspectivas e vários autores. Para Runco (2007), por exemplo, o desenvolvimento deste potencial criativo está relacionado com a família, pois é preponderante na formação da sua criatividade através dos seus valores e crenças. (Runco, 2007, citado por Oliveira, 2010)

Este potencial criativo também deve ser desenvolvido na escola. Contudo, ao longo deste estudo, tornou-se evidente que há neste campo muito por fazer. A criatividade pode ser mais trabalhada do que já é nas escolas, cabendo aos professores encontrar formas de a desenvolver nos alunos. Apesar de ser nas Artes Visuais que ocupa um lugar de destaque, a mesma deve ser implementada nas outras disciplinas, devendo ser estimulada nos alunos em todas as áreas do conhecimento.

Contudo, nas escolas ainda existe alguma carência, pois embora exista alguma formação docente, a dispersão dos professores em várias outras tarefas e responsabilidades, associada talvez a alguma falta de conhecimento das técnicas e materiais que incentivam ao desenvolvimento da criatividade, levam a que esta não atinja o seu máximo nos trabalhos dos alunos. Embora existam metodologias para desenvolver a criatividade, a dificuldade que maioritariamente tem perseguido a classe docente é a extensão do currículo a cumprir (Oliveira, 2010).

No ensino das Artes Visuais, o professor deve ter um papel ativo e deve tentar mudar a sua postura de modo a provocar no aluno o desenvolvimento criativo, favorável para o aluno e para o seu desenvolvimento pessoal, cognitivo, emocional e comunicativo, tendo um impacto no desenvolvimento de certas competências.

Deste modo, o professor deve ser aberto à mudança, a novos desafios, proporcionando um ambiente criativo e saudável nas aulas.

No presente trabalho vai ser abordada a criatividade, o papel do professor e o ensino das Artes Visuais, focando-se na problemática em estudo, ou seja, de que forma a criatividade

de cada aluno influencia um grupo de trabalho. O tema é para nós de grande interesse, no sentido que teremos de compreender a criatividade e o que ela nos pode oferecer para o desenvolvimento dos alunos.

Pretendemos dar resposta às hipóteses apresentadas, que são as seguintes:

- A criatividade manifesta-se de forma diferente quando trabalhamos em grupo e quando trabalhamos individualmente.
- O trabalho de grupo coloca desafios específicos à criatividade
- A criatividade em grupo promove as diversas formas de expressão artística de cada aluno.
- O professor promoverá o trabalho de grupo em sala de aula, orientando-o.

Este tema foi escolhido por nós, por considerarmos que a criatividade é enriquecedora se for trabalhada em conjunto, ou seja, em grupo. Segundo, (*Honaiss, 2001; Lubart, 2007*), a cultura é um conjunto constituído por padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes que são transmitidos de geração a geração e que distinguem um grupo social (citado por *Oliveira, 2010*).

A vivência grupal é muito importante na nossa sociedade e na nossa própria formação como seres humanos. Nas sociedades ocidentais pode dizer-se que as escolas são o principal contexto onde a criatividade pode ser trabalhada de forma grupal e daí o interesse que acreditamos ter o tema desta dissertação.

A sua escolha surge na sequência de uma série de atividades desenvolvidas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, realizada na escola Rafael Bordallo Pinheiro, com turma do 12º ano, na disciplina de desenho A, no ano letivo 2020 / 2021, do mês de setembro ao mês de julho.

A primeira dessas atividades foi desenvolvida com os alunos no âmbito do Plano Nacional das Artes, projeto educativo.... Esta atividade consistiu primeiramente numa visita a uma exposição de caricaturas no *Centro Cultural de Congressos de Caldas da Rainha* sobre o nome *World Press Cartoon 2020*. Após esta visita no dia 19 de setembro, os alunos realizaram caricaturas de *Rafael Bordallo Pinheiro* na sala de aula e posteriormente expuseram-nas numa exposição realizada no *Centro Comercial La Vie em Caldas da Rainha*, 23 de novembro em que todas as turmas de Artes participaram.

Nesta primeira atividade tive ocasião de observar o comportamento dos meus alunos em relação à criatividade, neste caso num trabalho individual.

Na atividade seguinte abordámos o desenho do corpo humano em escala real e pude novamente observar o comportamento dos alunos em relação à criatividade.

A última atividade realizada é a que foi escolhida para ser objeto deste estudo.

Consistiu na realização do projeto criativo do livro O menino e o Berlim, que foi realizado coletivamente, em grupo. Através deste projeto escolhemos o tema a ser estudado, pois sentimos que, por um lado, a criatividade se evidencia de diversas formas em cada aluno e, por outro, que o trabalho de grupo traz grandes desafios à criatividade. Como podem os alunos trabalhar para um fim comum, ou seja, para um projeto criativo coletivo, se cada um tem a sua criatividade individual que pode colidir com a dos colegas?

Aqui, o professor deverá promover a criatividade nos grupos de trabalho, deve também utilizar novas metodologias e experimentar novos materiais com os alunos de modo a proporcionar um pensamento criativo a todos os intervenientes.

No primeiro capítulo desta dissertação, faz-se um enquadramento teórico onde se contextualiza o que se pretende estudar, designadamente o conceito de criatividade.

Posteriormente, será realizada uma abordagem da criatividade no ensino das Artes Visuais e, finalmente, da criatividade em grupo.

No segundo capítulo, o Estudo Empírico pretende caracterizar a escola, a turma da minha prática de ensino supervisionada e pretende-se descrever a metodologia utilizada no estudo, bem como os meios de recolha de dados sobre a informação em análise.

O último capítulo refere-se à discussão dos resultados, onde são analisados os dados recolhidos referentes à investigação.

Posteriormente, é efetuada a conclusão, onde é realizada uma reflexão pessoal e conclusiva sobre toda a pesquisa e estudo realizado.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A CRIATIVIDADE

A criatividade é uma das capacidades inatas do Ser Humano, dotando-o da possibilidade de criar um pensamento original, ou de resolver problemas de forma diferente das já existentes. Embora todos os indivíduos tenham essa capacidade, ela pode ser mais ou menos desenvolvida. A fase da infância é particularmente importante para a estimulação da criatividade. Conforme afirma *Fernandes*

A criatividade é uma atividade mental, subjetiva; é a evidência da atividade criadora e imaginativa que continuamente transforma a realidade, permitindo que o homem se projete no futuro (Fernandes, 2016).

1.1 CONCEITO DE CRIATIVIDADE

A criatividade tem sido estudada sob diferentes perspectivas, assumindo-se hoje como um constructo multidimensional, onde entram dimensões cognitivas, motivacionais e de personalidade. (Morais, 2013).

Existem alguns mitos associados à criatividade, sobretudo por parte dos professores nas suas práticas letivas. A dimensão genética aparece aqui presente (*Bahia e Moraes, 2008*). Este tema desperta alguma controvérsia e conforme Plucker e Runco afirmam, “*todos os indivíduos possuem uma margem de reação, na qual estaria contemplada a influência genética, mas também o espaço possível e potencial para o desenvolvimento da capacidade criativa*”. (*Bahia e Moraes, 2008*).

Deste modo, a dimensão genética influencia as práticas educativas, mas também é necessário desenvolver a capacidade e a habilidade para criar. Um outro estudo, realizado por Fryer em 1996, mostra que os docentes acreditam que a criatividade seja algo que se vá desenvolvendo e melhorando através de uma prática continuada, outros que a criatividade já nasce com a pessoa, como sendo um dom. Como afirma Conde *o treino é bastante ou mais importante*. (*Bahia e Moraes, 2008*).

Para alguns professores, no estudo realizado por Fryer (1996), a criatividade encontra-se relacionada em primeiro lugar com a imaginação (*Bahia e Moraes, 2008*).

Porém, alguns autores referem que a criatividade também se encontra interligada com a originalidade e outros ainda mencionam a autoexpressão. *Vieira (2004)* afirma no seu estudo que os professores mencionam a originalidade e imaginação no que respeita à criatividade (*Bahia e Moraes, 2008*).

A criatividade encontra-se relacionada com a imaginação criadora. É então notória a associação da capacidade criativa à imaginação. A criatividade é uma atividade criadora que se manifesta na arte, sujeita à imaginação e invenção. (*Pelaes, 2010*)

A imaginação estabelece relações entre o mundo dos sentidos e a obra de arte, definindo-se como a fonte originária da criatividade.

Vygotsky (1982) argumenta que: *“A imaginação criadora é resultante da capacidade de fantasiar situações. O indivíduo irá criar segundo a sua capacidade de imaginar e fantasiar com base numa série de fatores, entre eles, a experiência acumulada enquanto um produto de sua época e seu ambiente”*. (*Pelaes, 2010*)

Conclui-se que a imaginação e a fantasia são muito importantes e têm um papel fundamental na atividade criadora, pois é da imaginação criadora que vem a criatividade. Criar é fazer de novo (*Pelaes, 2010*). Conforme afirma Lowenfeld (1970):

A definição de criatividade depende de quem a exponha. Com frequência, os pesquisadores são algo limitados em suas explicações, enunciando que a criatividade significa flexibilidade do raciocínio ou fluência de ideias: ou também pode ser a capacidade de transmitir novas ideias ou de ver as coisas em novas relações; em alguns casos a criatividade é definida como a capacidade de pensar de forma diferente de outras pessoas. (*Pelaes, 2010*)

Alguns estudos mostram que a criatividade está relacionada com a solução de problemas, o que caracteriza o processo criativo (*Novaes, Torrance*). Segundo Rogers a criatividade num ser humano está relacionada com a individualidade de cada um e no relacionamento com os outros. George Keller (1973) em *Pelaes (2010)* menciona que *Rogers* (um grande investigador na área da criatividade) regista duas perspetivas de desenvolvimento na criatividade, uma diz respeito à intuição e à espontaneidade. A outra tem a ver com a autorrealização do ser humano, mediante as suas potencialidades.

Existe a predominância de ideias que relacionam a capacidade criativa a uma aptidão em especial ou que estabelecem uma bipolaridade entre criatividade e pensamento / inteligência, conclui-se que o ato criador é mais do que uma busca pela inovação associada à genialidade, podendo ser concebido como inerente à condição humana, consistindo numa capacidade que está subjacente a qualquer setor da atividade humana”. (Pelaes, 2010)

Sendo assim, vários autores têm diferentes concepções de criatividade. Podemos concluir que ser criativo depende do seu desenvolvimento e do seu estímulo, que permite ao ser humano a produção da sua representação artística, nas mais diferentes linguagens.

1.2. CRIATIVIDADE NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Para haver uma mudança é necessário acreditar em ser diferente e é na classe docente que uma mudança é mais necessária e no presente momento a escola portuguesa está a necessitar de uma transformação.

Sendo assim, essa transformação precisa de atores, e os mais qualificados são os professores. Desta forma, são eles que têm a responsabilidade de educar e incentivar os outros para o otimismo. Pois o otimismo dá-nos mais motivação para inovar, mais leveza e mais felicidade para criarmos algo novo, a criatividade. A importância da criatividade afirma-se particularmente no domínio educativo (Bahia e Morais, 2008).

Pelaes (2010), afirma que no plano curricular, o desenvolvimento da criatividade é um dos objetivos presentes na educação e que o estímulo à criatividade acontece nomeadamente na área das expressões artísticas.

Desde a década de 1950 tem existido uma dedicação de alguns estudiosos na área sobre a criatividade humana. Esta encontra-se relacionada com a personalidade ou a parte cognitiva do ser humano e também se pode encontrar relacionada com a solução de problemas.

Viktor Lowenfeld foi um dos grandes estudiosos que se destacou nos primeiros programas do ensino da Educação Artística. Estes programas tinham como objetivo desenvolver o processo da criação artística dos alunos, conforme refere Pelaes (2010). Para além deste autor, também se destaca Herbert Read no ensino pela arte. Este refere nos seus estudos com maior incidência a imaginação infantil e o pensamento criativo.

Na escola, surge então o desenvolvimento da capacidade criativa da criança. A criatividade passa a ser encarada como fator promotor da educação artística. Lowenfeld afirma:

A arte e capacidade criadora sempre estiveram intimamente ligadas. Durante anos, o programa artístico nas escolas públicas, tem sido o baluarte da criatividade e, com frequência, as experiências de arte e a atividade criadora significam a mesma coisa. Entretanto, com o interesse crescente na criatividade e o grande número de pesquisas, nessa área, tornou-se muito claro que é possível ter um programa artístico nas escolas, o qual não seja, automaticamente de natureza criadora. A criatividade está se tornando uma preocupação vital para muitas pessoas: precisamos compreender o processo que envolve a evolução da capacidade do pensamento criador das crianças (Lowenfeld citado por Pelaes, 2010).

No contexto educativo o desenvolvimento da criatividade é muito relevante, pois cria e desenvolve competências que irão ser transformadoras numa comunidade educativa. A escola e os professores deverão ser responsáveis pela estimulação do aluno, através da inovação, motivação, orientando os alunos para atitudes criativas no que respeita à resolução de problemas.

Para Paul Torrance uma das mudanças na educação consiste em que a criação de escolas não será só para aprender, mas sim também para pensar. Desta forma, este autor criou um programa *The Future Problem Solving*, é um programa internacional que treina as crianças e jovens a serem mais criativos, promovendo a motivação para a aprendizagem e as emoções. Este programa inicia-se na escola onde o aluno frequenta, adaptando os materiais e tarefas do curriculum que cada instituição educativa integra.

O professor é um agente essencial na construção dos objetivos face à criatividade. Strom & Strom (2002) afirmam que “*o professor torna-se no principal mediador entre o curriculum, e suas reformas, e a prática na sala de aula a nível de criatividade*” (Bahia e Morais, 2008). Esta tem sido conquistada na educação sendo seu objetivo a formação de indivíduos criativos.

Sendo assim, a educação pela arte é preponderante para o desenvolvimento da criatividade, assim como do desenvolvimento estético através da produção artística, constituindo um dos seus objetivos. A capacidade de criar e ser criativo depende deste

desenvolvimento que irá dar a habilidade de produzir os trabalhos artísticos nas mais diversas formas.

Segundo Pelaes (2010), o ensino criativo não deve estar só presente no ensino da arte, mas sim em todas as componentes curriculares.

Para Martinez (1995) o processo criativo é um *“processo de descobrimento ou produção de algo novo, valioso, original e adequado, que cumpra com as exigências de determinada situação social, na qual se expressa o vínculo dos aspetos cognoscitivos e afetivos da personalidade”* (Martinez, citado por Fernandes, 2016).

Nas instituições educativas, o processo em que consiste a criatividade abrange as histórias, os sentidos, as crenças e os valores dos indivíduos que as frequentam (Fernandes, 2016). Como já se referiu, a criatividade é uma capacidade humana que necessita de ser desenvolvida no meio escolar, não só por parte dos professores de Artes Visuais, mas por parte de todos os outros profissionais de educação que exercem o seu papel nas escolas.

Todos deverão estimular o aluno, dando-lhe bases para a *“construção de resoluções criativas de problemas, por meio da reflexão de suas ações”* (Fernandes, 2016).

Na organização curricular pedagógica do ensino, deverá ser implícita a criatividade, provocando uma transformação ou mudança no ensino.

O processo educativo deve desenvolver e promover a criatividade, mas para tal deveria haver uma transformação significativa. Sendo que os professores de Artes deveriam possuir continuamente formação mais específica para as suas práticas em contexto sala de aula. As condições existentes em relação ao espaço numa sala de aula, os materiais existentes e ainda deveria de existir uma reorganização curricular da disciplina de Artes, uma vez que ainda apresenta com uma carga horária semanal que nos parece claramente insuficiente, traduzindo a pouca importância que lhe parece ser concedida no sistema educativo.

Se, por um lado, a arte é reconhecida como um dos códigos de linguagem que promovem atividades criativas, capaz de transformar o quotidiano da escola, por outro, o facto da disciplina de arte ocupar um pequeno espaço na carga horária semanal, indica que ainda ocupa um lugar marginal no currículo escolar (Fernandes, 2016)

O ensino da arte numa escola, deve ser incentivado e valorizado, pois é através da arte que se os alunos desenvolvem um pensamento crítico e ligado à realidade social e cultural. (Fernandes, 2016) Em suma, o ensino das artes visuais deveria idealmente ser reformulado e

deveria dar-se especial atenção ao profissional desta disciplina. Pois sem a arte, uma escola não evolui, não motiva os seus alunos, não os incentiva na resolução dos seus problemas de forma criativa. Embora vários professores individualmente trabalhem no sentido de valorizar as artes e haja iniciativas como o Plano Nacional das Artes, urge acelerar uma mudança para tornar a arte mais presente no quotidiano escolar. Como se sabe, a arte é uma área do conhecimento e da expressão humana que pode dialogar com todas as disciplinas e deveria haver muito mais projetos que envolvam a interdisciplinaridade. Só assim, formará cidadãos mais seguros, mais criativos e imaginativos no seu percurso de vida.

O professor de Arte é criativo, considerado o responsável por promover, desenvolver e fomentar a criatividade na sala de aula e no contexto escolar (Fernandes, 2016).

1.3. CRIATIVIDADE EM GRUPO

O trabalho desenvolvido com os alunos vai ao encontro do esperado nas Aprendizagens Essenciais, uma vez que se pretendeu “*estabelecer uma relação dinâmica entre o aprender a ver- a criar e a comunicar*” (Aprendizagens Essenciais, 2018).

Na disciplina de Desenho A, onde lecionei a minha prática supervisionada, as atividades foram orientadas de modo a promover a autonomia dos alunos, bem como o seu pensamento reflexivo e criativo, o que contribui para o desenvolvimento da criatividade em grupo.

Porém, o professor deve promover no aluno “*uma participação colaborativa na organização de exposições coletivas em que os seus trabalhos estejam incluídos*”. (Aprendizagens Essenciais, 2018).

Para o desenvolvimento da criatividade em grupo também deve-se dar atenção à colaboração *em trabalhos ou projetos coletivos*, utilizando o Desenho e as Artes Visuais. É importante também a disponibilidade de cada aluno “*estar atento às necessidades dos seus pares e da comunidade...À valorização dos saberes do outro... ajudando-o a expressar e argumentar as suas ideias*” (Aprendizagens Essenciais, 2018).

Num grupo, o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística de cada indivíduo promove a criatividade em grupo.

Para Freire, o aluno é um ser completo, onde o afeto, a cognição e a sociabilidade estão interligados. “*Compreender e interpretar o mundo são processos que envolvem as*

dimensões sociocognitiva e sócio afetiva. Esta conceção se beneficiaria da relação com a psicologia social, justamente pela sua vinculação aos processos comunicacionais e grupais” (Abade, Afonso e Silva, 2009).

É no grupo que um indivíduo ao integrar-se, se começa a reconhecer e como existe entre os elementos do grupo uma diversidade de ideias e de informação, pode criar num indivíduo um estímulo ou um bloqueio no que respeita aos processos significativos. Lewin (1998) e Mailhiot (1991) afirmam que “*a dinâmica dos grupos inclui os processos de formação de normas, comunicação, cooperação e competição, divisão de tarefas e distribuição de poder e liderança* (Abade, Afonso e Silva, 2009).

Enriquez (1997) afirma que tendo em conta o contexto social de cada elemento do grupo, também reflete a forma de como este se organiza, se exprime, se é criativo e se solidariza no mesmo (Abade, Afonso e Silva, 2009).

O grupo é um espaço de troca de informação, cada elemento leva consigo a sua identidade e a sua história. Porém, é no grupo que se recria uma história e identidade coletiva e criativa.

Para Pichon-Rivière (1998) o grupo é um conjunto de pessoas que têm por objetivo cumprir algo onde cada elemento busca a relação com o outro, pois é o que o constitui (Abade, Afonso e Silva, 2009).

Nas suas tarefas o grupo irá transformar-se, o que provoca alguns receios por parte dos elementos, a nível emocional e também na sua comunicação. Segundo afirmam Bernstein (1986) e Pichon-Rivière (1998) “*a identificação entre os membros do grupo facilita a aprendizagem. O grupo torna-se um campo de aprendizagem*” (Abade, Afonso e Silva, 2009).

Segundo Gayotto (1998), o grupo ao debater-se com os seus medos, evolui, o que o torna mais consciente, flexível e criativo (Abade, Afonso e Silva, 2009). Para existir um grupo, tem que haver cooperação e comunicação e esta deve ser dinamizada consoante os objetivos que pretende evidenciar. Esta cooperação também envolve conflito, mas há que saber limitá-los.

Contudo, é através da comunicação que se encontram evidenciadas as diferenças entre os elementos do grupo. Estas diferenças também estimulam o desenvolvimento da criatividade e do pensamento do grupo, em torno dos objetivos que são propostos em equipa.

Na pedagogia de Freire, o professor assume o desejo de ensinar e este “*não é só transmitir conhecimentos... O papel do professor é também o de incentivar a curiosidade e a criatividade dos educandos*” (Abade, Afonso e Silva, 2009)

O professor deve assim, ajudar, compreender e organizar o trabalho que é proposto o grupo apresentar. Deve criar objetivos, regras e transformá-las sempre que for necessário.

Sendo assim, há três aspetos fundamentais num trabalho de grupo, primeiramente deve-se conversar bastante de modo que todos os elementos cheguem a uma conclusão sobre o trabalho que lhes é proposto. Todos deverão estar de acordo, relativamente às metas que o grupo deverá atingir. Posteriormente, cada elemento do grupo deve definir o que cada um deverá fazer (Booth, Colomb e Williams, 2008)

De uma forma geral, “*os grupos deverão combinar as estratégias que se ajustem melhor a sua situação em particular*” (Booth, Colomb e Williams, 2008)

Porém, a criatividade no grupo surge através da multiplicidade de experiências e talentos que cada elemento possui e que se organiza mediante o que cada um poderá oferecer ao seu grupo de trabalho. “*A criatividade grupal decorre da combinação das personalidades que compõem o grupo e daquilo que as motiva*” (Oliveira, 2010)

São muitos os fatores que influenciam a criatividade, tais como a família, o contexto sociocultural, a escola, a saúde, entre outros.

Neste sentido, as Artes são fundamentais para o desenvolvimento do domínio cognitivo de todos os alunos. Este desenvolvimento parte de cada elemento e integra-se a nível grupal.

Desta forma, a promoção da criatividade nos trabalhos de grupo deverá ser uma constante, assim como a utilização de materiais e técnicas diversificadas deverão promover a criatividade nos alunos.

“*O trabalho em grupo é difícil, e às vezes duro para o ego, mas também pode ser altamente compensador*” (Booth, Colomb, Williams, 2008)

É no “*contato humano, na autonomia, na reflexividade e na dialogicidade que os educadores e alunos resgatam a relação necessária para o enfrentamento das suas dificuldades e para o seu crescimento como sujeitos e cidadãos diante do conhecimento. O grupo é o campo privilegiado para tal interação*” (Abade, Afonso e Silva, 2009).

Em suma, é fundamental que cada indivíduo no grupo respeite as características individuais e as suas diversidades, havendo um espírito cooperativo na forma como todos os elementos se organizam.

CAPÍTULO II – INVESTIGAÇÃO EMPIRICA

2.METODOLOGIA

2.1 METODOLOGIA - A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Esta investigação incidiu sobre uma Unidade Didática lecionada no contexto da Prática de Ensino Supervisionada no ano letivo 2020 / 2021, entre 22 de setembro 2020 e 17 de julho de 2021 na disciplina de Desenho A.

A metodologia seguida foi de tipo qualitativo, designadamente a Investigação – Ação, uma modalidade de investigação inovadora em resposta às novas exigências de formação de docentes e que é, ao mesmo tempo, uma alternativa ao modelo tradicional de ensino (Vasconcelos & Marques, 2020).

A investigação Ação é um processo de investigação que alimenta a prática docente, ligando a teoria à prática, empoderando os professores como profissionais críticos e não apenas executores técnicos de currículos (Vasconcelos, 2018).

Depois de detetar um problema nas aulas observadas, ou um aspeto a melhorar – neste caso a falta de criatividade e a falta de coesão no grupo – foi delineada uma estratégia de intervenção, ou seja, uma unidade didática, cujo sucesso se tentou aferir através de um questionário aos alunos e uma entrevista ao docente supervisor de estágio.

A Investigação-Ação pressupõe a implementação dessa unidade didática, a aferição do seu êxito através de técnicas de recolha de dados sobre o processo e permite também mudar o curso da intervenção se houver necessidade de fazer adaptações. Neste caso propomo-nos refletir sobre a unidade realizada, propondo recomendações em unidades similares a ser futuramente postas em prática, como se verá.

2.2 O MEIO

A cidade de Caldas da Rainha, situada na Região Oeste, pertence ao distrito de Leiria e encontra-se situada na Estremadura.

Considerada como a cidade termal, foi fundada pela Rainha D. Leonor e ganhou importância a partir do século XVIII devido às suas termas, contribuindo para o grande desenvolvimento da cidade e da região.

O Concelho de Caldas da Rainha é composto por dezasseis freguesias e está limitado a norte pelo município de Alcobaça, a sul pelos concelhos de Cadaval e Bombarral, a este pelo de Rio Maior e a Sudoeste pelo de Óbidos. O Concelho de Caldas da Rainha é composto por 16 freguesias.



Figura 1 Retrato de D. Leonor (1526) - Pintura de José Malhoa

2.3. ESCOLA SECUNDÁRIA RAFAEL BORDALO PINHEIRO

A Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro encontra-se situada na cidade de Caldas da Rainha e é sede do Agrupamento de Escolas Rafael Bordalo Pinheiro.

Em 2010/2011 a escola foi requalificada, passando a ter instalações, equipamentos e recursos educativos modernos.

É uma das duas escolas do Ensino Secundário público existentes no Concelho Nesta Escola funciona o 3º Ciclo e o Secundário, sendo simultaneamente o edifício sede do agrupamento que inclui os estabelecimentos: (JI Carvalhal Benfeito; JI Santa Catarina (Vila);

JI Santa Susana; EB A-dos-Francos; EB Alvorninha; EB Carvalhal Benfeito; EB Casais da Serra; EB Relvas; EB Santa Catarina; EB São Gregório.) A Escola Secundária é constituída por cinco blocos. Para além do edifício, existem espaços livres de recreio descobertos. O estado de conservação dos espaços interiores e exteriores da escola pode considerar-se muito bom.

2.4. A TURMA DO 12º AV1

A prática de ensino incidiu sobre uma turma de 12. ano Artes Visuais, constituída por 19 alunos, 5 do género masculino e 14 do género feminino, em que a média de idades era de 18 anos. A turma integrava uma aluna proveniente do Brasil, 16 alunos provenientes da nossa cidade, 1 vindo de uma cidade situada a 54 km e 1 aluno com necessidades educativas especiais. Em conversas informais, grande parte dos alunos demonstrou interesse em prosseguir os estudos no ingresso no ensino superior, apesar de revelarem muita indecisão na escolha e curso que querem seguir. Relativamente ao sucesso escolar ficaram retidos 5 alunos por não terem obtido aprovação na disciplina de geometria descritiva e 1 aluno à disciplina de oficina de artes e multimédia.



Figura 2 - Escola Secundária Rafael Bordallo Pinheiro

3. PERGUNTAS DE PARTIDA

Segundo Jolivet (1979), a função das hipóteses é dirigir o trabalho do cientista, constituindo-se em princípios de invenção e progresso, à medida que auxilia de facto a imaginar os meios a aplicar e os métodos a utilizar (citado por Marconi, 2007). Estas são muito importantes, segundo Kerlingar (1973) porque:

- São instrumentos de trabalho, da teoria, pois novas hipóteses podem dela ser deduzidas;
- Podem ser testadas e julgadas como provavelmente verdadeiras ou falsas;
- Dirigem a investigação, indicando ao investigador o que procurar ou pesquisar (citado por Marconi, 2007).

A hipótese principal colocada no início deste trabalho foi a seguinte: a criatividade de cada indivíduo é importante e contribui para o trabalho de grupo.

Assim formularam-se as seguintes questões de partida:

- Será que a criatividade de cada aluno influencia resultado final de um trabalho de grupo?
- Que desafios específicos existem quanto à criatividade num trabalho de grupo?
- Pode a criatividade ser trabalhada em grupo, ou apenas individualmente

Para responder a estas questões, foi concebida uma unidade didática em que, a partir de um texto escrito pelo investigador, denominado O menino e o Berlim, se propunha aos alunos que realizassem a ilustração do mesmo.

A originalidade desta proposta é a de que, em vez de pedir que cada aluno ilustrasse o texto, todos trabalhassem em conjunto, criando subgrupos de trabalho com responsabilidades específicas.

Assim, foram criados três grupos, atribuindo a um a responsabilidade de criar e desenvolver até à fase final as personagens, outro, incumbido de criar e desenvolver até à fase

final os fundos e outros, a quem competiu criar e desenvolver até à fase final o design gráfico do livro.

Foi um processo que decorreu em 15 aulas, num processo faseado, em que pude observar o comportamento criativo de cada aluno no desenrolar dos trabalhos e também como contribuiu para o resultado final.

Em traços gerais a história do livro era a seguinte: O menino e o Berlinde

Era uma vez um menino que gostava muito de berlindes, existam muitos, de várias cores e feitios, mas infelizmente este menino não os tinha. Já os tinha visto em algum lado, mas não se lembrava em que sítio e como era pobre, não tinha possibilidade de os ter.

Um colega dele, o Rui, repetente e mais velho, era um rapaz de cabelo ondulado e castanho-claro, muito magrinho, mimado pelos seus pais e todos os colegas tinham medo dele na escola. Tinha um berlinde lindo de morrer de várias cores; amarelo, laranja, vermelho, rosa, lilás e azul. Era um berlinde de ficarmos horas e horas a fio a olhar para ele.

Certo dia na escola, o menino ia a caminho da aula de Educação Física com a sua mochila velha e rota, apenas tinha um caderno e um lápis no seu interior. Ele dirigia-se ao pavilhão desportivo com a sua máscara na cara, infelizmente existia uma grande epidemia naquele tempo e era para muitos mortal. Todas as pessoas andavam na rua com máscara e viviam dia após dia com medo.

O menino a certa altura cruza-se com o seu colega Rui e dá-lhe um grande encontrão sem querer, levando assim o berlinde a cair ao chão.

O Rui irritadíssimo começou a gritar com ele e disse-lhe:

- Viste o que fizeste? Viste? Logo um dos meus preferidos.

O menino com a cabecinha para baixo respondeu:

- Desculpa, não foi por mal.

- Não foi por mal? Sai da minha frente e ajuda-me a procurar a minha pérola imediatamente.

Este não era um berlinde qualquer, era de um mundo de cores e emoções.

Um procurava para um lado, o outro para o outro, o berlinde não aparecia em lado algum. O movimento na escola também não ajudava e para além do mais, a cada passo que era dado naquele chão pelos alunos da escola, o berlinde era pontapeado de um lado para o outro sem destino.

O toque de entrada tocava e a confusão era cada vez maior. O menino com medo do Rui, já não sabia onde se deveria meter, até que algo aconteceu. Um grande rasgo de luz vinha de uma sarjeta que acabaria por chamar a atenção do menino. O menino aproximou-se, espreitou para dentro daquela grelha cheia de cores e diz: - Rui! Rui! Rui! Acho que o encontrei!

O Rui já não estava lá para o ouvir, tinha ido muito chateado para a aula e todos os alunos daquela escola já se encontravam dentro das salas.

O menino olhava para dentro da sarjeta e via um conjunto de cores lindíssimas vindas do seu interior, fazia lembrar uma aurora boreal movimentando-se.

Num primeiro momento pediu-se a toda a turma que elaborasse as personagens para o livro. Estas primeiras ilustrações foram posteriormente analisadas por mim e pelo professor supervisor da Prática de Ensino Supervisionada, dividindo os alunos em grupos: grupo das personagens, grupo dos fundos e de cor e grupo de tipologia e parte gráfica. Foi finalizado o trabalho em *Adobe Illustrator* sob a nossa orientação.

Mostram-se seguidamente algumas imagens do processo e do resultado final do livro.







4. MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS

4.1. MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS

Para averiguar o processo levado a cabo na Unidade Didática lecionada usaram-se dois tipos de recolha de dados no final da Unidade Didática: o questionário misto com questões abertas e fechadas e uma entrevista ao professor supervisor da Prática de Ensino Supervisionada.

Sabendo que um questionário é um instrumento de registo escrito e planeado para pesquisar dados de sujeitos, através de questões, a respeito de conhecimentos, elaborou-se um questionário aos alunos, que é composto por nove perguntas, duas abertas, livres ou não limitadas e sete perguntas, de resposta fechada (com alternativas fixas).

Também se realizou uma entrevista ao docente de Artes Visuais, professor supervisor da Prática de Ensino Supervisionada. Esta entrevista, diferentemente do questionário, de resposta oral e é constituída por dez questões abertas, de desenvolvimento.

As questões do primeiro questionário e da entrevista foram ordenadas segundo uma progressão lógica, para que quem a ele respondesse se sentisse interessado por ele, evitando questões insensíveis, intrusivas, confusas, ou demasiado longas

As questões foram desenvolvidas tendo em conta três princípios:

- Princípio da clareza (devem ser claras, concisas e inequívocas);
- Princípio da coerência (devem corresponder à intenção da própria pergunta);
- Princípio da neutralidade (não devem induzir determinada resposta).

Visto os questionários terem questões abertas e fechadas, são considerados questionários mistos.

Houve, na elaboração dos questionários, a preocupação de reduzir o número de folhas que os compõem, para não provocar algum tipo de reação prévia negativa, por parte do inquirido.

A realização da entrevista aconteceu em ambiente informal e amigável, designadamente na sala de professores, e foi gravada em vídeo para posterior transcrição.

4.2. PROCESSO DE RECOLHA DE DADOS

Os questionários foram distribuídos pelos alunos e fez-se uma explicação sobre os fins a que se destinavam. Foi explicada a sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recetor, no sentido de que preenchesse e devolvesse o questionário no prazo estabelecido, tendo sido, posteriormente, combinada a data de entrega.

A entrevista foi agendada telefonicamente com o professor supervisor. A transcrição foi entregue para revisão em data combinada.

4.3 SUJEITOS

4.3.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Para a análise desta Unidade Didática numa turma do 12º Ano de 19 alunos quanto ao seu êxito e ao cumprimento dos objetivos propostos, foram realizados um questionário aos alunos e uma entrevista ao professor. Estes incidiram, portanto, numa amostra composta por

oito alunos do 12º Ano da disciplina de Desenho (os que responderam ao questionário criado para o efeito no *google forms*) e por um docente do Ensino Secundário de Artes Visuais, neste caso o supervisor da Prática de Ensino Supervisionada.

4.4. TRATAMENTO DE DADOS

4.4.1. QUADROS E GRÁFICOS DOS DADOS OBTIDOS DO INQUÉRITO AOS ALUNOS

O questionário apresentado aos alunos foi o seguinte:

Questionário para os alunos.

Nas Artes Visuais foi-te proposto elaborares um livro ilustrado com o título "O menino e o Berlimde". Neste sentido gostaria de saber a tua opinião acerca deste trabalho, as dificuldades e motivações sentidas ao longo deste projeto.

1. Como te sentiste relativamente à escolha da personagem da história que foi selecionada pelos teus docentes? (Resposta livre, de desenvolvimento)

2. Quando te juntaste ao teu grupo de trabalho, quais as maiores dificuldades que sentiste? (Resposta livre, de desenvolvimento)

3. Havia três grupos de trabalho. Um grupo desenvolveu a personagem da história, outro grupo os fundos da cena e um outro desenvolveu a parte gráfica. Qual o grupo com que te identificavas mais? (escolha única)

- * Grupo personagens
- * Grupo fundos
- * Grupo design gráfica

4. Ficaste no grupo com que te identificavas mais? (escolha única)

- * Sim
- * Não

5. Neste projeto, enfrentaste uma situação de trabalho talvez nova para ti: participar apenas numa das fases de um processo criativo. Como descreves os maiores desafios neste trabalho? (Podes escolher várias opções de resposta)

- * Não saber se os meus colegas aceitariam bem o meu trabalho.
- * Não gostar do trabalho realizado pelos colegas e ter de prosseguir com a minha parte.
- * Não gostar do trabalho que os colegas realizaram depois de ter feito a minha parte.
- * Não ter o controlo total do processo.

6. E como descreves as maiores vantagens? (Podes escolher várias opções de resposta)

- * Integrar uma equipa e não ter a responsabilidade toda do trabalho sozinho/a.
- * Poder ficar surpreendido pela positiva com a contribuição dos meus colegas.
- * Trabalhar a minha autoconfiança.
- * Trabalhar a minha responsabilidade no cumprimento de uma tarefa.

7. Como avalias esta experiência no total? (escolha única)

- * Excepcional
- * Muito interessante
- * Relativamente interessante
- * Não muito interessante

8. Depois desta experiência achas que preferes trabalhar a tua criatividade em grupo ou sozinho/a? (escolha única)

- * Em grupo
- * Sozinho/a

9. Gostarias de repetir um projeto com estas características (autoría partilhada e trabalho de equipa) no futuro? (escolha única)

- * Sim
- * Não

As respostas obtidas, que comentaremos brevemente são as seguintes:

Quanto à Pergunta 1 (Como te sentiste relativamente à escolha da personagem da história que foi selecionada pelos teus docentes?) Salientamos que cinco dos alunos respondentes afirmaram ter “gostado bastante da escolha” e transcrevemos uma das respostas “A escolha de personagens foi interessante. O facto de uma criança tão nova ser capaz de

fazer frente a um rapaz mais velho e ainda entrar nos esgotos, mostra muita coragem da personagem.”

RESPOSTA DOS ALUNOS	Nº DE RESPOSTA DE ALUNOS
Senti que a personagem podia ter sido trabalhada a um nível modelado, como o livro era suposto atingir uma demográfica com mais idade não havia necessidade ser tão plana.	1
Gostei bastante da escolha.	5
A escolha de personagens foi interessante. O facto de uma criança tão nova ser capaz de fazer frente a um rapaz mais velho e ainda entrar nos esgotos, mostra muita coragem da personagem.	1
Nada a dizer	1
Não respondeu	1

Relativamente à Pergunta 2 (Quando te juntaste ao teu grupo de trabalho, quais as maiores dificuldades que sentiste?), salientamos que dois dos alunos referem não ter sentido nenhuma dificuldade, tendo os restantes referido aspetos como “organização”, ou “comunicação”. De formas diferentes três dos alunos mencionaram as dificuldades em conjugar estilos ou ideias diferentes, através de expressões como “Junção de estilos de desenho” ou “Integrar as ideias de todos” ou “ter estilo artístico diferente”.

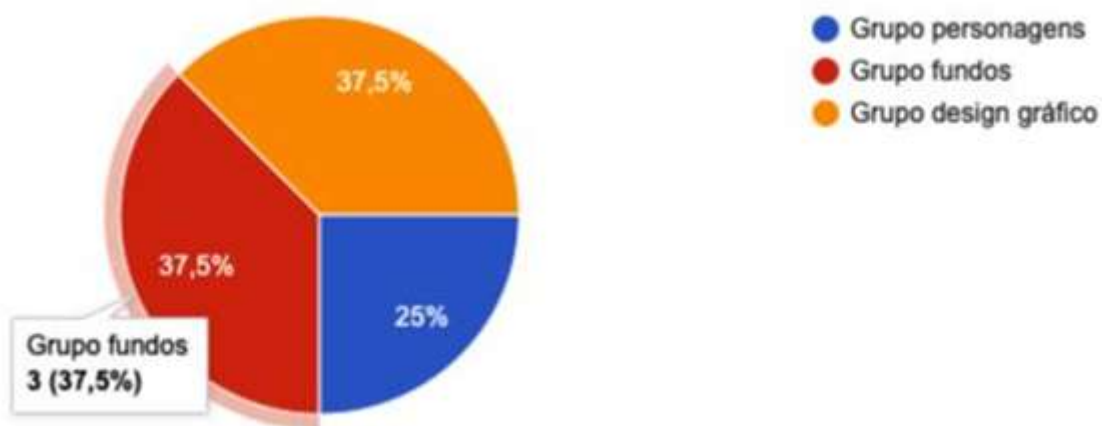
RESPOSTA DOS ALUNOS	Nº DE RESPOSTA DE ALUNOS
Organização	1
Comunicação	1
Nenhumas	2
A junção de todos os estilos de desenho	1
Integrar as ideias de todos	1
Senti dificuldade na realização dos fundos. Devido ao facto de cada pessoa que integrava no grupo ter um “estilo” artístico diferente.	1





No tocante à Pergunta 3 (Havia três grupos de trabalho. Um grupo desenvolveu a personagem da história, outro grupo os fundos da cena e um outro desenvolveu a parte gráfica.

Qual o grupo com que te identificavas mais?), por ser uma pergunta de resposta fechada, permite-nos perceber que houve uma avaliação muito equilibrada na resposta dos alunos, que se distribuíram de forma quase igual por todos os grupos.

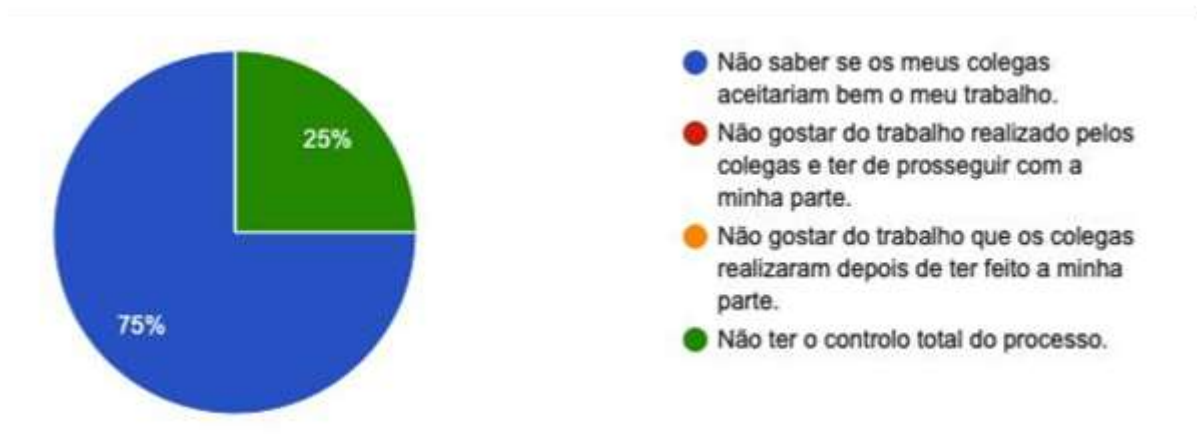


A Pergunta 4 era novamente uma pergunta de resposta fechada (Ficaste no grupo com que te identificavas mais?), permitindo constatar que 75% dos alunos identificou-se com o grupo onde ficou.



A Pergunta 5, era uma pergunta de escolha múltipla (Neste projeto, enfrentaste uma situação de trabalho talvez nova para ti: participar apenas numa das frases de um processo criativo. Como descreves os maiores desafios neste trabalho?)

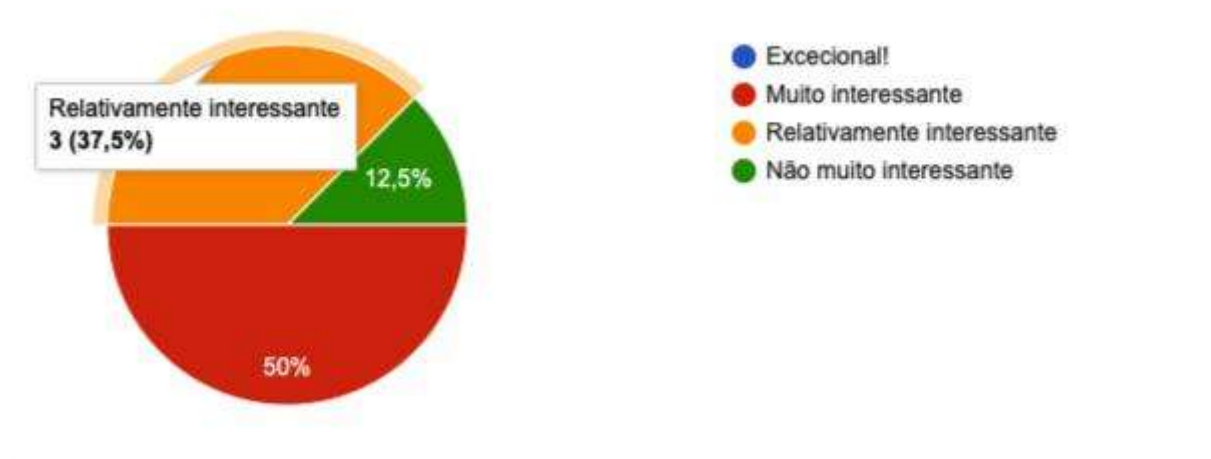
As respostas permitem concluir que o desafio percebido como maior foi de não saber se os colegas aceitariam bem o trabalho, opinião de 75% dos alunos.



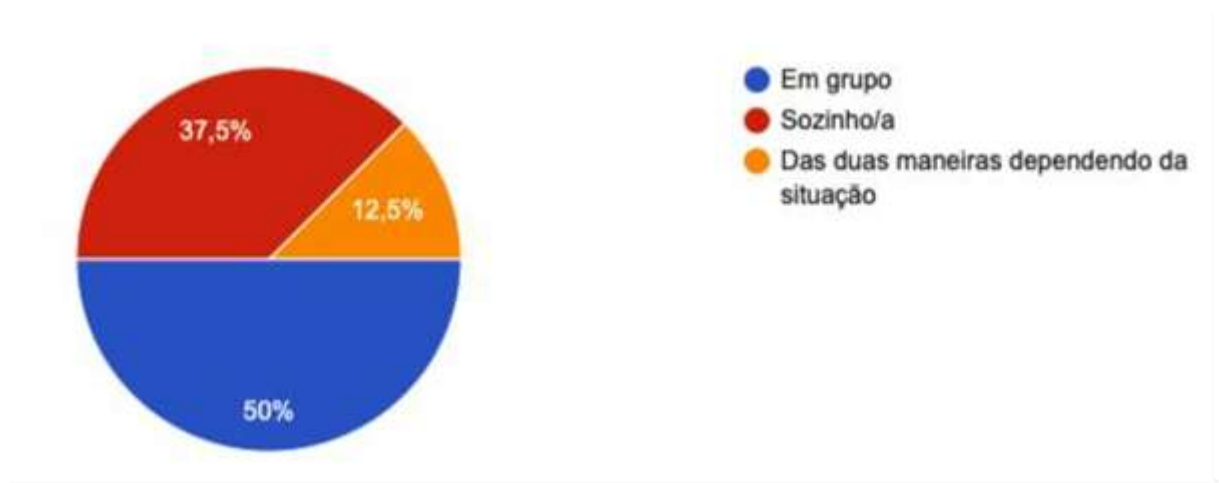
A Pergunta 6, também de escolha múltipla (E como descreves as maiores vantagens?) permite concluir que a maior vantagem encontrada pela maioria dos alunos ficou surpreendido pela positiva com a contribuição dos colegas, sendo o outro aspeto mais respondido e, a salientar, o “trabalhar a minha responsabilidade no cumprimento de uma tarefa”, o que aponta para a responsabilização individual do aluno e para o compromisso com o coletivo.



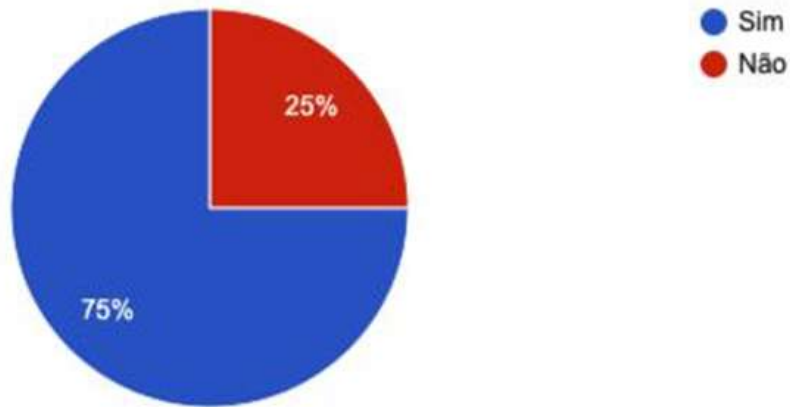
A Pergunta 7, de resposta fechada (Como avalias esta experiência no total?) leva-nos a concluir que a maioria dos alunos considerou a experiência muito interessante.



A Pergunta 8, também de resposta fechada (. Depois desta experiência achas que preferes trabalhar a tua criatividade em grupo ou sozinho/a?) leva-nos a concluir que metade dos alunos passou a preferir trabalhar criativamente em grupo, havendo ainda 12,5% de alunos que não se importam, dependendo da situação. Consideramos ter contribuído para desmitificar os receios de trabalhar em grupo.



Finalmente, na pergunta 9, também de resposta fechada (. Gostarias de repetir um projeto com estas características (autoria partilhada e trabalho de equipa) no futuro?) Vemos que a esmagadora maioria está motivada para voltar a trabalhar criativamente em grupo.







4.4.2. INQUÉRITO AO DOCENTE DE ARTES VISUAIS

Entrevista ao Docente Orientador de Estágio

Entrevista ao Docente Orientador de Estágio

Este questionário debruça-se sobre o projeto de ilustração em equipa desenvolvido na turma 12ºAV1 e que resultou no livro com o título “O menino e o Berlinde”. Para a realização da minha dissertação de mestrado, gostaria de saber a opinião do professor Luís Militão acerca desta unidade didática, o desenrolar do processo com os alunos e o resultado final. As perguntas formuladas são as seguintes:

1. Como avalia este projeto na sua globalidade, em função da faixa etária e nível de desenvolvimento dos alunos?
2. Como avalia este projeto em relação ao programa da disciplina? Desenvolvia as competências e conteúdos adequados às exigências do programa?
3. Como sentiu a turma, quanto à motivação, no desenrolar do processo?
4. Como reagiu a turma, perante o resultado final?
5. O comportamento e o empenho dos alunos era o que esperava no desenvolvimento do projeto? Surpreendeu-se com algum aluno?
6. Houve conflitos de ideias entre alunos neste processo?
7. O processo de cocriação coletiva foi problemático em algum momento?
8. Quando foram organizados os grupos sentiu algum aluno contrariado?
9. Como professor de Artes experiente, gostaria de saber a sua opinião pessoal relativamente, quer às oportunidades, quer aos desafios colocados aos alunos pelos trabalhos de grupo.
10. É mais bem-sucedido o trabalho de criatividade individual, ou o trabalho de criatividade coletiva, apesar de eventuais conflitos criativos?

Transcrevem-se seguidamente as respostas dadas.

1. Como avalia este projeto na sua globalidade, em função da faixa etária e nível de desenvolvimento dos alunos?

Portanto, são alunos de desenho. Um dos capítulos é a ilustração foi nesse capítulo que entrou esse trabalho, acho que os alunos, conseguiram trabalhar em grupo, tiveram algumas

dificuldades de trabalhar em grupo, mas lá deram a volta e outra dificuldade que achei foi a ligação entre eles, ao fim ao cabo, a linha de montagem do livro vá lá, não resultava muito bem entre eles, não resultou muito bem entre eles no início, mas depois lá se conseguiu dar a volta.

2. Como avalia este projeto em relação ao programa da disciplina? Desenvolvia as competências e conteúdos adequados às exigências do programa?

Sim claro, não só se utilizou as técnicas, mas também o corpo humano, a observação do corpo humano é importante, o desenvolvimento do corpo humano e da animação.

3. Como sentiu a turma, quanto à motivação, no desenrolar do processo?

De início, para mim foi difícil motivá-los porque achavam que a história era muito infantil, mas depois com a pré-existência da história e sabes que eles no fundo gostam muito de fazer aquela animação maná ou mané e não sei quantos e não tinha nada a ver com isso.

4. Como reagiu a turma, perante o resultado final?

Eles ficaram contentes, certo? Até expuseram os trabalhos na vitrine, os originais na vitrine e isso significa que eles gostaram, mas eles não esperavam nem estavam à espera do resultado final, aquele resultado final, esperavam pior.

5. O comportamento e o empenho dos alunos era o que esperava no desenvolvimento do projeto? Surpreendeu-se com algum aluno? Ele? Ele próprio?

Sim, acho que sim, por exemplo o André, ele próprio se surpreendeu pela positiva, era um garoto que era muito fácil de integrar na turma e conseguiu fazer o trabalho, portanto, ele próprio gostou dos resultados que teve no final.

6. Houve conflitos de ideias entre alunos neste processo?

Não, não porque aquilo foi muito orientado, o trabalho foi muito orientado, certo? Ao ser muito orientado eles tinham que dividir as tarefas, ao dividir as tarefas, sabiam perfeitamente quais eram as tarefas que cada um tinha, portanto não houve assim conflitos.

7. O processo de cocriação coletiva foi problemático em algum momento?

Sim, sim a articulação por exemplo das imagens, eles não conseguiam perceber porque um só ou dois tinham que fazer as imagens. Eles queriam todos fazer as personagens e todos construírem o seu próprio trabalho e aquilo... estavam a trabalhar em grupo e não podia ser.

8. Quando foram organizados os grupos sentiu algum aluno contrariado?

Claro, porque nós tentamos organizar os grupos de forma tipo liberal, esses grupos, portanto, um melhorzinho com um aluno bom, aluno médio com um mais fraco, eles gostam muito de estar com os amigos, com as pessoas que se identificam, portanto... alguns descontentes por estar inserido.

9. Como professor de Artes experiente, gostaria de saber a sua opinião pessoal relativamente, quer às oportunidades, quer aos desafios colocados aos alunos pelos trabalhos de grupo.

Em relação a desenho, a disciplinas práticas, portanto, há duas distinções, o que é uma disciplina prática e uma teórica. Eu não sou apologista muito, a nível de teorias teóricas, haver, trabalhos de grupo ou trabalhos de investigação, porque os miúdos têm que, caem na asneira de fazer cópias do que está na net, portanto, eles não constroem os seus materiais, não conseguem ler um texto e do texto fazerem o seu próprio material. Em relação a prática, uma disciplina prática, os grupos têm que ser muito bem equilibrados, para haver sucesso para as pessoas que fazem parte do grupo, às vezes como não é, o professor está atento, está dentro da sala, está com eles, significa que o professor também orienta esse trabalho. Os grupos como há tendência que os miúdos se juntam com os amigos, os que têm mais afinidades, o professor obrigatoriamente tem que os separar. Juntar um melhorzinho com um médio um mais fraco, é o que eu penso, equilibrar.

10. É mais bem-sucedido o trabalho de criatividade individual, ou o trabalho de criatividade coletiva, apesar de eventuais conflitos criativos?

Os dois, para mim os dois são importantes, o individual a pessoa está sobre si e desenvolve, com mais liberdade de como em grupo, quando está em coletivo, essa liberdade é limitada, tem que ouvir e saber ouvir os outros que estão a trabalhar com ele, portanto, a criatividade é limitada. A minha opinião pode ser uma e o colega ter outra e ele tem que ter em atenção a opinião do colega.

...a situação para mim pessoal é... quando tu estás a desenvolver um trabalho sozinho, tens a tua criatividade e estás sobre ti próprio, quando estás em grupo, certo? Estás com outros, ao

estar com outros, eles aprendem a desenvolver competências para se comportarem em sociedade. E isso faz com que a nossa criatividade e a autonomia sejam limitadas, porque estamos em grupo e temos que dar em atenção ao que os outros querem.

Acho que... os comportamentos a nível de grupo, para mim pessoalmente são por educações que eles por sua vez trazem de casa, que nada tem a ver com crenças, doutrinas etc.... pode influenciar o comportamento social da pessoa, mas agora a nível da representação e não sei quanto e criatividade, eu acho que não, nem tudo faz parte e vai influenciar a criatividade do aluno. Pode influenciar os comportamentos que ele tem em casa, da educação que ele recebeu em casa, do género de ser um miúdo tímido, por devido a circunstâncias em casa, ser um miúdo agitado, porque em casa tem um ambiente familiar complicado. Certo? isso eu acho que é importante, e isso limita um bocado o comportamento social dele, do caso por exemplo uma miúda agora que está na escola e é muito boa a educação visual, é uma aluna de oitavo ano, a rapariga tem uma vida desgraçada o que acontece é que; todos os desenhos que ela faz, se nós não tivermos em atenção ela está no preto e no vermelho, é aquilo, ela tem que dar a volta, isso pode influenciar o tipo de vida que ela tem em casa no tipo de interpretação que faz, naquelas tonalidades, de trabalhos agressivos, etc., etc..

CAPÍTULO III – DISCUSSÃO DOS RESULTDOS



5. ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS ENTRE OS VÁRIOS GRUPOS

Em relação às características do grupo de alunos onde decorreu a minha prática pedagógica, foram notórias a cooperação, a partilha e a interação dos mesmos para um contributo coletivo. É de referenciar que todos se encontram na mesma faixa etária, o que promove uma maior comunicação e interação entre todos os elementos.

Este grupo foi sempre orientado nas mais diversas tarefas apresentadas. O professor deve ser claro nos seus objetivos, a forma como expõe as tarefas que pretende desenvolver com o seu grupo. Este deve apoiar o aluno, incentivando-o e fornecer-lhe sugestões a fim de melhorar o seu trabalho.

Contudo, como se referiu, este estudo teve como objetivo específico, perceber como é que os alunos se organizam num grupo de trabalho e o que cada um pode oferecer ao mesmo, no âmbito da construção de um projeto criativo de ilustração. Neste caso concreto, o trabalho realizado consistiu num livro, intitulado “O menino e o berlinde”. Também quais as dificuldades apresentadas pelos alunos no desenvolvimento deste pensamento criativo.

Relativamente aos dados obtidos do inquérito aos alunos, irei proceder à análise dos resultados obtidos nos dois questionários aplicados nesta investigação.

Recapitulamos e aprofundamos os comentários já feitos anteriormente. Considerando as respostas dos alunos à pergunta nº 1, “Como te sentiste relativamente à escolha da personagem da história que foi selecionada pelos teus docentes?”, podemos afirmar que a maioria dos alunos gostou bastante da escolha da personagem.

Relativamente à pergunta nº 2” quando te juntaste ao teu grupo de trabalho, quais as maiores dificuldades que sentiste?”, nesta questão podemos confirmar que as respostas foram diversas. Apenas dois alunos responderam que não sentiram dificuldades. Os restantes foram ao encontro de algumas teorias que indicam as principais dificuldades que surgem num trabalho de grupo, tais como o trabalho é organizado e como os elementos se podem organizar para o desenvolvimento de um projeto. Outro fator que sugerem é a comunicação, pois todos os elementos devem falar bastante uns com os outros sobre o que realmente vão fazer e ter em a capacidade comunicativa para chegarem a um consenso. Outra resposta indicada foi a dificuldade em juntarem todos os estilos de desenho, uma vez que cada um tem o seu próprio estilo e a sua conjugação tornou-se difícil. Um outro fator importante foi também a presença em cada aluno de um estilo artístico diferente.

Em relação à pergunta 3 “Havia três grupos de trabalho. Um grupo desenvolveu a personagem da história, outro grupo os fundos da cena e um outro desenvolveu a parte gráfica. Qual o grupo com que te identificavas mais?”, podemos afirmar que 37,5% selecionou o grupo dos fundos e com a mesma percentagem também foi selecionada o grupo do design gráfico. O grupo das personagens obteve uma percentagem de 25%.

Considerando as respostas à pergunta 4, “Ficaste no grupo com que te identificavas mais?”, analisando o gráfico circular podemos considerar que 75% afirmaram que sim.

Porém, 12,5% referiu que não é a mesma percentagem de alunos referiu que ficou num grupo que não se encontrava identificado, mas que acabou por gostar.

Na pergunta 5, “Neste projeto, enfrentaste uma situação de trabalho talvez nova para ti: participar apenas numa das fases de um processo criativo. Como descreves os maiores desafios neste trabalho?”, 75% respondeu não ter a certeza se os colegas aceitariam bem o seu trabalho.

Apenas 25% responderam que não tiveram o controlo total do processo. Por vezes é um pouco difícil para o grupo aceitar as opiniões dos outros e aceitarem o nosso trabalho da forma e da criatividade que existe em nós.

Porém, na pergunta 6, “E como descreves as maiores vantagens?”, 62,5% respondeu que as maiores vantagens é poder ficar surpreendido pela positiva com a contribuição dos colegas, 25% respondeu trabalhar a sua responsabilidade no cumprimento de uma tarefa e apenas 12,5% referiu que a maior vantagem é integrar uma equipa e não ter a responsabilidade toda do trabalho sozinho.

Considerando a pergunta 7, “Como avalias esta experiência no total?” 50% consideraram muito interessante, seguidamente 37,5% consideraram relativamente interessante e 12,5 % afirmou não muito interessante.

Na pergunta 8, “Depois desta experiência achas que preferes trabalhar a tua criatividade em grupo ou sozinho?”, 50% afirmou que prefere trabalhar a criatividade em grupo. 37,5% refere que prefere sozinho e 12,5 afirmou que prefere trabalhar das duas maneiras dependendo da situação.

Por último, ao analisarmos a resposta à pergunta 9, “Gostarias de repetir um projeto com estas características (autoria partilhada e trabalho de equipa) no futuro?” Consideramos que 75% respondeu sim e 25% respondeu não.

Com esta investigação realizada na Prática de Ensino Supervisionada, podemos afirmar que trabalhar a criatividade em grupo numa sala de aula, ainda que, não sendo muito comum, é importante como experiência a proporcionar aos alunos. A criatividade é uma das mais importantes capacidades ou potencialidades de cada indivíduo. Poder canalizar a criatividade para o trabalho em grupo, ou em equipa pode parece ser uma experiência muito enriquecedora, não apenas para o indivíduo isolado, mas também como experiência coletiva. A capacidade criativa de cada um encontra-se relacionada com a cultura em que o aluno está inserido.

Foi notório neste estudo que o desenvolvimento de um projeto criativo em grupo foi visto pelos alunos pela positiva. Apesar de algumas dificuldades que existem e de pequenos e pontuais conflitos num determinado grupo, que se prende com a singularidade de cada um, podemos dizer que a experiência foi muito positiva.

Como foi defendido inicialmente, o professor deverá ter um papel ativo, proporcionando aos seus alunos um ambiente de adaptação e exploração de um determinado objetivo, promovendo a autonomia e a criatividade facilitadora de uma aprendizagem ativa. Ao trabalho do professor somam-se, naturalmente, as várias experiências vivenciadas pelos alunos no seu quotidiano, que contribuem voluntariamente ou não para um trabalho em equipa mais enriquecedor.

Em relação ao questionário dirigido ao professor supervisor da Prática de Ensino Supervisionada, irei apresentar uma análise das suas respostas. Para o docente, os alunos apresentaram no início algumas dificuldades em trabalharem em equipa, nomeadamente no que respeita às ideias verificadas por cada aluno. Contudo, posteriormente conseguiram chegar a um consenso, motivados e entusiasmados com o produto final.

No projeto criativo, o professor afirmou que não houve conflitos, pois o trabalho encontrava-se muito orientado para cada grupo. Desta forma, houve uma organização prévia por parte dos docentes que facilitou a divisão de tarefas feita pelos alunos, o que não desencadeou qualquer conflito. Por outro lado, o professor também afirma que no trabalho, embora todos quisessem fazer as personagens, todos acabaram por construir o seu próprio trabalho.

Aqui existe alguma controvérsia mediante a resposta anterior. Pois, houve um conflito de ideias e de execução de tarefas, uma vez que segundo o docente, eles não entenderam que estavam num grupo e que todo o trabalho tinha que ser dividido por todos.

Considerando a sua resposta relativamente ao trabalho em grupo, é de salientar que não

É muito a favor dos trabalhos em equipa. Posteriormente, também refere que para haver este tipo de trabalhos, os grupos devem estar bem equilibrados e o professor deve orientá-los nesse sentido, tanto na execução das tarefas como na distribuição dos seus elementos.

Contudo, o professor refere que, quer o trabalho individual, quer o trabalho de grupo são importantes. Por outro lado, refere que o trabalho individual é mais liberal e o em grupo é mais limitado, referindo que a criatividade quando trabalhada em grupo é limitada, assim

como a sua autonomia, uma vez que segundo o docente temos que dar atenção ao que os outros dizem.

Para o professor, a criatividade do aluno pode ser influenciada pela família, pelos comportamentos que os alunos têm em casa, pela sua educação, o que pode limitar ou não é o comportamento social dos alunos, as suas experiências de vida.

Porém, os resultados obtidos levaram a concluir que o funcionamento em grupo, ainda é visto com algum entrave no contexto educativo, pois exige muitas estratégias e atitudes reflexivas por parte do professor para com os seus alunos.

O estudo que agora apresento levou-me a concluir que os alunos trabalham pouco em grupo e que é importante desenvolvermos a criatividade no coletivo, como partilha de conhecimentos, ideias, experiências, cultura, entre outras.

De acordo com esta análise, esta metodologia poderá influenciar as práticas educativas na disciplina de Artes Visuais, uma vez que apesar de no início ser difícil trabalhar em grupo, todos os alunos apresentam gosto pela experiência e que a singularidade dos alunos pode-nos levar a diversas formas de aprendizagem que contribuam sem dúvida para o desenvolvimento da criatividade.

CONCLUSÃO

A hipótese principal colocada no início deste trabalho foi a de que a criatividade de cada indivíduo é seguramente algo importante em si, mas também contribui para a qualidade final de um trabalho de grupo.

Tinham -se formularam-se as seguintes questões de partida:

- Será que a criatividade de cada aluno influencia resultado final de um trabalho de grupo?
- Que desafios específicos existem, quanto à criatividade, num trabalho em grupo?
- Pode a criatividade ser trabalhada em grupo, ou apenas individualmente?

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, o trabalho apresentado teve assim como ponto de partida a conceção, planificação e experiência prática, em contexto letivo, de uma unidade didática que consistia num projeto criativo em grupo.

Foi definida uma metodologia de trabalho que consistiu na divisão da turma em 3 grupos, a quem se confiaram diferentes tarefas, conducentes à realização de um produto final, um livro ilustrado.

No decurso do processo foram observados os comportamentos dos alunos e o modo como conseguiram lidar com diferenças de sensibilidade, de estilo dos colegas. Este projeto permitiu desenvolver não apenas a criatividade individual, mas também o modo – também ele necessariamente criativo – como os alunos enfrentaram e resolveram essas diferenças entre si, trabalhando o que podemos considerar a criatividade em grupo.

Na escrita desta dissertação foi efetuado um enquadramento teórico sobre o conceito de criatividade, sobre como é que a criatividade se encontra presente no ensino das Artes Visuais e ainda sobre a criatividade em grupo.

Este estudo revelou-se muito pertinente, pois permitiu um aprofundamento das questões sobre o ensino das Artes e como se desenvolvem grupos criativos.

Contudo, percebi que ainda há muito a fazer nesta área, as escolas devem estar abertas a uma transformação. É necessário que se alterem métodos, técnicas e metodologias. É necessário criar uma escola ativa e que os professores motivem os alunos a trabalhar mais em equipa/grupo para a promoção de uma criatividade grupal mais diversificada, com vista a

tornar o aluno mais habituado ao trabalho cooperativo, e mais preparado para um mundo em permanente mudança.

A criatividade existe em todas as pessoas. Basta que se mostrem interessadas em desenvolvê-la. Neste mundo em mudança, precisamos de ser criativos para darmos resposta às transformações que o mundo nos oferece diariamente.

BIBLIOGRAFIA

Abade, Flávia, Afonso, Maria, Silva, Marcos (2009), O Processo grupal e a educação de jovens e adultos, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, pp.707-715.

Aguado, Maria, (2018), *Manual de formação docente*, Santilhana.

Azevedo, Ivete, Moraes, Maria, Jesus, Saul, Ribeiro Iolanda & Brandão, Sara (2012), A Aplicação do Future Problem Solving Program International em *Adolescentes: Um estudo exploratório*. Universidade do Minho, Universidade do Algarve.

Bahia, Sara, Moraes, Maria (2008), *Criatividade em contexto escolar: Representação de professores dos Ensinos Básico e Secundário*, Psicologia da Educação, Edições Psiquilíbrios, 1ª edição.

Booth, Wayne, Colomb, Gregory, Williams, Joseph (2008), *A Arte da pesquisa*, Martins Fontes, São Paulo.

Carvalho, Maria (2013) Desenvolvimento da Criatividade e trabalho em grupo no Ensino das Artes Visuais, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga.

Fernandes, Lúcia (2016), *A Criatividade no Ensino das Artes Visuais: da Reprodução à Inclusão*, Curitiba: Appris, 1ª edição.

Fryer, Marilyn (1996), *Creative in teaching and learning*, Paul Chapman, Publishing Ltd.

Oliveira, Zélia (2010) *Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo*, Estudos de Psicologia, Campinas, pp. 83-92.

Pelaes, Maria (2010) Uma Reflexão sobre o conceito de criatividade e o ensino da arte no ambiente escolar, *Revista Educação*, V. (5) n. (1).

Miranda, Lúcia & Almeida, Leandro (2014) Relações entre a criatividade e o desempenho académico: estudo das diferenças de género num grupo de alunos do 6º Ano de escolaridade. *Revista Amazônica*, vol. XIV, pp.27-45.

Melo, Sandra (2000) *O Grupo criativo*, Interação, Curitiba.

Marconi, M. Lakatos (2007), *Fundamentos da metodologia científica*, São Paulo: Editora Atlas S.A.

Marujo, Helena, Neto, Luís, Perloiro, Maria (2001), *Educar para o optimismo*, Editorial Presença, 5ª edição.

Miranda. Lúcia, Moraes, Maria, Wechsler, Solange (2015), *Criatividade aplicações práticas em contextos internacionais*, Vetor Editora, Editora Psico-Pedagógica Ltda.

Rouquette, Michel (1973), *La Créativité*, 2^a. Édition, Presses Universitaires de France.

APÊNDICES

















